

Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba



# SEXUALIDADE

Nilcilene Veríssimo Barbosa Carvalho

Rubiataba  
2002

Nildilene Veríssimo Barbosa Carvalho



## SEXUALIDADE

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a Orientação do Professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

5-30728

Tombo nº	102.34
Classif.:	.....
Ex.:	1
.....	.....
.....	.....
.....	.....
Origem:	d
Data:	02-06-05

Facer  
2002

## DEDICATÓRIA

*Dedico esta Monografia a minha família, e ao professor Paulo Henrique, pelo apoio recebido no percurso deste trabalho, que com certeza será o primeiro de outros que virão.*

*Dedico também este trabalho a todas as pessoas que viram sua sexualidade sendo usurpada pela Sociedade.*

## AGRADECIMENTOS

*A Deus enquanto percorri o meu caminho rumo a um crescimento maior, por vezes deparei com a angústia existencial que assolava o meu íntimo, com questionamentos sem respostas, busca sem encontro. Foi quando elevei os olhos para o alto recebendo de Deus a instrução para o caminho da verdadeira sabedoria.*

*Aos pais, mestres, filhos, cônjuge, irmãos e amigos que muitas vezes abriram mão de momentos de convívio e sofreram minha ausência quando o dever e o estudo me chamava. A vocês que revestiram minha existência de amor carinho e dedicação cultivando em mim valores que me transformaram em uma pessoa responsável e consciente, abrindo as portas para o meu futuro com a luz mais brilhante que puderam encontrar: O Estudo.*



*"A Sexualidade é a expressão da própria vida."  
(Marciano Vidal)*

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I	
COMO FOUCAULT VÊ A SEXUALIDADE.....	08
CAPITULO II	
COMO A PSICOLOGIA VÊ A SEXUALIDADE.....	21
CAPÍTULO III	
COMO A IGREJA VÊ A SEXUALIDADE.....	30
CONCLUSÃO.....	38
BIBLIOGRAFIA.....	40

## CAPÍTULO I

### COMO FOUCAULT VÊ A SEXUALIDADE

*“Uma sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna não estão ligados somente ao número e a virtude dos cidadãos, não apenas as regras de casamentos e a organização familiar, mas a maneira como cada qual usa seu sexo.”*

*(Michel Foucault)*

Nesse capítulo mostra-se como Foucault retrata o dispositivo sexualidade e suas interferências e manifestações na sociedade. Ele acredita que a sexualidade é uma forma de adquirir poder sobre uma sociedade ou pessoa admitindo a repressão como argumento para segurar esse dispositivo.

Foucault em seu livro *“A vontade de saber”* discute o que ele chama de hipótese repressiva com a qual se costuma pensar em que se baseiam muitas posturas frente a questão da sexualidade.

Sobre as sexualidades periféricas e estéreis teria sido imposto um silêncio geral e uma imensa repressão, ou seja qualquer um que cometesse o deslize de se prestar ao luxo de distrair-se sexualmente ou era repreendido ou simplesmente ignorado, apenas seria permitido a sexualidade para as pessoas casadas, com o objetivo de perpetuar a espécie.

O século XVII é considerado o marco inicial da repressão sexual própria das sociedades burguesas. Dominar o sexo a partir desse momento seria bem mais difícil, seria necessário uma máscara, que tomaria o discurso, presente porém quase invisível. E as constantes interdições da sociedade o faria com muito pudor, ou simplesmente calaria a voz da sexualidade através da censura de forma mútua

entre os indivíduos modernos. Surgem novas regras de decência e sem dúvida as restrições foram bastante acentuadas nesse período, tornando a sexualidade um fenômeno pouco mencionado publicamente.

Na hipótese repressiva na qual se costuma pensar as questões da sexualidade subtendido como paradigma dos modelos da Igreja, do Estado e da Classe, e sua prática estaria embasada num modelo jurídico centrado na lei, limitando a confirmar e punir as manifestações sexuais fora dos padrões definidos pela sociedade.

Michael Foucault em seus livros "Vigiar e Punir" e "A Vontade de Saber" apresenta duas modificações profundas na concepção de poder que são muito importantes para uma compreensão mais precisa de suas idéias. A Primeira modificação é que o poder não é algo unitário e global, algo que alguém possua causando danos a outros. Isso seria a soberania em que alguém ou uma classe seria o detentor do poder. O poder, que é exercido principalmente a partir do século XVIII, é uma prática social constituída historicamente e que responde as emergências e necessidades precisas. Surge o poder disciplinar objetivando a formação das sociedades capitalistas.

A partir do século XVIII um crescente puritanismo passa a vigorar reduzindo o sexo utilitário e fecundo, permitindo portanto como única manifestação possível, a sexualidade do casal monogâmico, legítimo e procriador.

A segunda modificação, que realmente nos interessa, mostra que o poder não é algo que se limita a proibir, a reprimir como já foi mencionado anteriormente, mas sim estimula observações, incita as pessoas a falarem, a se perceberem de determinada forma, como por exemplo portadoras de uma sexualidade perigosa que, ao ser discutida e analisada produz objeto de saber.

Em "Vigiar e Punir" Foucault diz:

*"Temos que deixar de descrever os efeitos do poder em termos negativos; ele exclui ele reprime, ele*

*recalca, ele censura, ele abstrai, ele mascara, ele esconde. Na verdade o poder produz; ele produz realidade, compras de objetos e rituais de verdade. O indivíduo e o, conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção.”*

É o poder que atua no corpo dos homens individualizando-os selando sua identidade e sexualidade, produzindo um comportamento útil e dócil para o desenvolvimento de uma sociedade, é esse mesmo poder que pode tornar o indivíduo duro, egoísta e totalmente indomável dependendo de sua utilização. São mecanismos de poder que a partir do século XVIII, respondendo a uma emergência histórica da necessidade de uma população qualificada, atuam em torno da vida do homem, na qualidade de um corpo vivo, onde a sexualidade desempenha um papel importante devido a sua dupla aplicação que é individual na liberação de impulsos e desejos, e na populacional que refere-se a continuidade da população.

O que o poder cria é outra coisa: é a importância dada a este fator corporal, é o sentido que se lhe atribui de revelador, de catalisador da essência do ser e da identidade do indivíduo. Estamos falando assim do sexo-significação cuja constituição em discurso e imagens é criada pelo próprio discurso e as representações nele contidas. O **sexo-discurso** produz corpos aos quais se atribui ao sexo uma significação de forma binária e normatizadora, em torno da reprodução - o dispositivo da aliança - e em sexualidade diversas que não cessam de se referir ao sexo “originário”, o reprodutor. Como vemos, para as táticas sociais que fazem do corpo da mulher superfície para o exercício do poder sobre sua sexualidade.

Em relação a sexualidade, Foucault explicita desde o poder que se exerce e se reproduz, na construção de corpos sexuados num modelo binário<sup>1</sup> que acompanha a partilha do mundo em lícito e ilícito. Assim a multiplicidade do poder desenha seu perfil na identificação dos corpos.

O mecanismo da sexualidade convive com o mecanismo da aliança, e a proliferação da sexualidade não apaga a importância da família heterossexual como se lhe fosse essencial que o sexo esteja inscrito não somente em uma economia de

---

<sup>1</sup> Binário – Sistema de duas forças paralelas de suportes distintos com sentidos opostos e que atuam sobre o corpo.

prazer mas sim em um regime ordenado de saber. Ele propõe uma relação mais rica em relação ao poder e a sexualidade, afirmando que em muitos momentos houve repressão ao assunto sexualidade, porém teve também uma dominação de pessoas que através de controle, de técnicas de obediência e observação de comportamentos. Assim ao invés de só repressão, o que aconteceu a partir do século XVIII em relação à mulher foi atender a uma necessidade histórica, tornou-se necessária a preservação da vida e da educação adquirida caráter prioritário para os filhos devido essa necessidade a mulher começou a ser alvo de discursos tanto filosóficos como médicos. Investe-se de sexualidade seu corpo reduzindo-a à uma sexualidade frágil e muitas vezes patológica, processo que Foucault chama de histerilização da mulher e que torna o corpo feminino num objeto médico por excelência. E através desse relacionamento entre a mulher e a medicina da mulher posição de destaque, como figura de apoio para a entrada das ordens, normas o que o poder cria é outra coisa: é a importância dada a este fator corporal, é o sentido que se lhe atribui de revelador, de catalisador da essência do ser e da identidade do indivíduo. Estamos falando assim do sexo-significação cuja constituição em discurso e imagens é criada pelo próprio discurso e as representações nele contidas. O sexo-discurso produz corpos aos quais se atribui uma sexo-significação de forma binária e normatizadora, em torno da reprodução - o dispositivo da aliança - e em sexualidades diversas que não cessam de se referir ao sexo "originário", o reprodutor.

O fato é que as mulheres tenham sido por séculos e séculos isoladas, frustradas e desprezadas de várias maneiras, lhes proporcionou uma possibilidade real de constituir uma sociedade, de criar um certo tipo de relação social. Em relação as sexualidades periféricas (ou seja fora dos casamentos), há uma predominância do prazer "perverso" que pode ter como identidade uma patologia. Para melhor compreensão Foucault escreve:

*" A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico. Não a realidade subterrânea que apreende com dificuldade, mas a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação do discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos*

*outros, segundo algumas estratégias de saber e poder.*<sup>2</sup>

Sobre os corpos, os prazeres, as sensações envolvem variados elementos com discursos, leis, ciências, princípios éticos e morais medidas legais, psicológicos filosóficos que envolvem diferentes segmentos da sociedade que são os componentes do dispositivo da sexualidade.

A nossa sociedade produziu a partir do século XIX a *Scientia Sexualis* que guarda como núcleo o singular rito de confissão, que pouco a pouco desvincula do rito de penitência da Igreja e emigra para a pedagogia que auxilia a relação entre adultos e crianças, mas relações familiares e a psicologia. E através de registros clínicos constitui-se um grande arquivo de prazeres sexuais individuais.

Segundo Foucault pela primeira vez a sociedade se inclinou a solicitar e a ouvir a própria confiança dos prazeres individuais. O dispositivo da sexualidade vai se fixar no vínculo entre o sujeito e si mesmo e é o aspecto mais importante que esse novo procedimento empresta do antigo dispositivo da "carne" imposta pela Igreja. O exame de consciência que deve penetrar no mais íntimo e profundo do nosso ser não foi somente um meio de proibir o sexo, mas de colocá-lo no centro de nossa existência, no centro de nossas relações do sujeito consigo mesmo. E através deste exame deve-se buscar a sexualidade nos desejos, nas fantasias, sonhos, o que nos faz tornar sujeitos com consciência e identidade sexual.

O que impressiona Foucault no tema sexualidade é o fato de que em nossa sociedade o sexo tenha tornado algo relacionado apenas a objetos de prazeres e não algo inerente aos indivíduos e a vida. Ele procura distinguir entre o comportamento real das pessoas e seu código moral imposto a elas. Esse código que determina que os atos sejam proibidos ou permitidos, diz também se o valor é positivo ou negativo em seus comportamentos, e as relações que devem ter consigo próprio. Isso determina a ética em que o indivíduo se constitui como sujeito moral de suas próprias ações. E dentro dessa moralidade que cada indivíduo molda seu

---

<sup>2</sup> Foucault, *História da Sexualidade*, p. 36

comportamento e sua conduta moral. Tanto o controle do indivíduo quanto o controle da população são alcançados e mantidos pela força da repreensão do sexo.

É pelo discurso verdadeiro sobre sexo que o indivíduo é obrigado a pronunciar os efeitos da sexualidade, que passa a ter o desejo, o interesse, o alvo de atuação e do controle do fenômeno. O sexo passou a ser gerido e inserido em sistemas de utilidade, para regular o bem estar de todos os envolvidos nas relações sociais.

O sexo enquanto desejo é um grande elo de coesão, como instrumento de controle e de auto-regulação dos indivíduos. Podendo assim ser utilizado da forma mais variável e lucrativa dependendo dos interesses em questão.

A presença do corpo e da sexualidade tem sido uma exploração constante na propaganda e nos meios de comunicação de massa. O erotismo é só uma estratégia sutil da propaganda para obtenção de altos lucros sem com isso ter preocupação da exploração do indivíduo.

Historicamente a mulher vê seu corpo e sua sexualidade sendo transformados em objetos estimulantes e atrativos para o consumo, sendo considerada um segundo sexo na própria relação homem/mulher, tanto no mercado de trabalho, na vida política e pública na tomada de decisões importantes. A mulher que outrora era sagrada por serem geradoras da vida a novos seres agora é considerada símbolo sexual e portanto explorada por vários segmentos da sociedade.

Para Foucault a sexualidade é uma figura histórica muito real e foi ela que suscitou com o elemento especulativo necessário ao seu funcionamento a noção de sexo. Após o século XIX abre-se uma porta de controle moderando a sexualidade de acordo com os interesses políticos, econômicos e sociais sobre o corpo e sexo do homem, ao nível de discurso investindo em novas formas para sujeitá-lo à realidade em que é inserido. "O falar do sexo livremente e aceitá-lo em

sua realidade é tão estranha à linguagem é direito de toda uma história, hoje milenar e além disso, é tão hostil aos mecanismos intrínsecos do poder.”<sup>3</sup>

Sabe-se da dificuldade de falar sobre a sexualidade, devido as constantes repressões que envolvem a temática, despertando em alguns curiosidades e em outros o desprezo considerando que são condutas irregulares. Sobre sexualidade, Foucault determina o prazer em seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime de poder, saber e prazer que dá sustentabilidade entre nós sobre o discurso da sexualidade humana.

A partir do século XVIII há uma multiplicidade de discursos sobre a sexualidade valorizando o discurso chamado indecente ou seja que vai contra a decência imposta por uma sociedade conservadora e envolta nas rédeas da hipocrisia. É nesse século que se desencadeiam vários problemas econômicos e políticos e nessa perspectiva de conflitos surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações seus efeitos para possíveis controles populacionais.

Não se pode nunca estar seguro de que não haverá exploração. De fato podemos estar seguros de que haverá uma, e que tudo o que se tem criado ou adquirido, todo o terreno que se tem ganhado será, em um momento ou outro, utilizado desta maneira.

Não se fala menos de sexo pelo contrário, debate-se de outra maneira crianças, adultos, professores passam a ter novas posturas para descrever a sexualidade com um pouco mais de naturalidade e menos rigor repressivo. É estabelecido que instituições pedagógicas rompem o silêncio sobre a sexualidade e promovem estratégias discursivas sobre pontos de referência que codifiquem os conteúdos relacionados a sexualidade, qualificando seus locutores.

A partir do século XVIII a sexualidade é discurso contínuo no dia-a-dia das crianças e adolescentes permitindo vincular conteúdos estudados e sua realidade existencial. Possibilitando inúmeros dispositivos institucionais e estratégias

---

<sup>3</sup> Foucault **História da Sexualidade**, p. 15.

discursivas, o que levou a alguns discursos grosseiros e mal elaborados relacionados a sexualidade sem muita qualificação. Após isso o sexo não parou de provocar um certo erotismo discursivo e generalizado instigando cada vez mais a busca pelo saber sobre a sexualidade.

*“Do singular imperativo que impõe cada um fazer de sua sexualidade um discurso permanente, aos múltiplos mecanismos que, na ordem economia, da pedagogia, da medicina, e da justiça incitam, extraem, organizam e institucionalizam o discurso sexo, foi imensa a prolixidade que nossa civilização exigiu e organizou.”<sup>4</sup>*

Falamos do sexo constantemente instigados pela busca do conhecer e entender nossa sexualidade através dos discursos obstinados a esclarecimentos da sexualidade ou pela busca do auto conhecimento, através do qual possibilita a diversificação de mecanismo para se falar sobre a sexualidade.

“Não fixa fronteiras para a sexualidade provoca suas diversas formas seguindo-as através das linhas de penetrações infinitas.”<sup>5</sup>

A sexualidade não é um fenômeno de poucos segmentos sociais mas sim processo generalizador em toda espécie que busca romper barreiras de repressão demasiada que inibe deturpa<sup>6</sup> regrida os impulsos sexuais e a afirmação da sexualidade que promove a especificação dos indivíduos e suas variadas formas de prazer.

O ocidente não criou novos prazeres sexuais mas definiu novas formas no jogo dos prazeres configurados na face das perversões que substituem a repressão pela forma mais natural onde o homem busca satisfazer seus instintos e prazeres mudando sua conduta proliferando suas práticas sexuais determinadas pela idade, gosto e dessa forma ouve uma ramificação de condutas embasadas na sexualidade.

---

<sup>4</sup> Foucault. **História da Sexualidade**. p. 34.

<sup>5</sup> Foucault. **História da Sexualidade**. p. 47

<sup>6</sup> Deturpa: torna feio, torpe, adultera, mancha.

Há uma proliferação da sexualidade com domínio do poder onde recai sobre ela inúmeros lucros econômicos, por meio da medicina psiquiátrica, da prostituição e da pornografia que conduzem a sexualidade vinculando prazer e poder de forma entrelaçada por mecanismos de excitação<sup>7</sup> e incitação que buscam focalizar a intensidade dos prazeres e a obstinação dos poderes para irem em busca de lucros em cima da atual sexualidade.

A sexualidade tem que ser pensada como relação fundamental com a verdade não apenas em si mesmo ou em um saber esquecido na origem, deve ser encontrada e analisada no exame de si mesmo para proporcionar, por meio de impressões, as certezas fundamentais da consciência que molda os princípios de cada indivíduo.

Foucault defende que a propagação e conhecimentos da sexualidade se dá através das confissões que produzem um discurso verdadeiro, onde são repassados todas as impressões, desejos e obsessões que englobam o processo dos prazeres individuais.

*“As longas discussões sobre a possibilidade de construir uma ciência de sujeitos, a realidade da experiência ou a presença para si da consciência respondiam sem dúvida, a esse problema que era inerente ao funcionamento dos discursos da verdade, em nossa sociedade.”<sup>8</sup>*

Não existe uma estratégia única e globalizada, que seja válida para toda a sociedade de forma uniforme referente as várias manifestações do sexo. Portanto, Foucault coloca quatro regras na questão da sexualidade como mecanismo social :

- ✓ Regra de Imanência – “Não considerar que existe um certo domínio da sexualidade que pertence de direito, a um conhecimento científico, desinteressado e livre, mas sobre a qual exigência do poder – econômicos ou ideológicos – fizeram pesar mecanismos de proibição”.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Excitação: Desejo sexual, ato de excitar forte, sensação de vigor, energia e entusiasmo.

<sup>8</sup> Foucault. **História da Sexualidade**. p. 65.

<sup>9</sup> Foucault, **História da Sexualidade**. p. 93.

A sexualidade constituída como domínio de conhecimentos se dá a partir das relações de poder que articulam seu discurso para um constante vaivém de perguntas e respostas na busca do conhecer-se passando a ser o “foco local”.

- ✓ Regra das Variações Contínuas – Sobre essas variações Foucault diz que não importa a graduação do poder sobre a sexualidade e sim buscar as correlações da força que ela impõe sobre seu jogo de poder. Onde há uma inversão sobre a sexualidade da criança que antes era tida como problemática agora é fonte de estudo para a sexualidade dos adultos.
- ✓ Regra do Duplo Condicionamento – Em uma regra do duplo condicionamento nenhuma das duas regras anteriormente citadas poderia funcionar, pois é uma inversa onde nenhuma estratégia proporciona efeitos globais a não ser embasada nas relações precisas que dão suporte e sustentação. Onde não há descontinuidade e dois níveis diferentes (um maximizador e minimizador) tem que haver uma homogeneidade onde o duplo condicionamento faz com que cada indivíduo possa conhecer e ser conhecido dando assim sustentação a sua sexualidade.
- ✓ Regra da Polivalência Tática dos Discursos – O que circunda sobre o sexo não deve ser analisado como simples projeção dos mecanismos de poder, mas sim no discurso que se articula sobre ele é que se dá o poder e o saber. É por isso que concebe-se a multiplicidade de elementos discursivos com estratégias diferenciadas a respeito da sexualidade.

Assim o sexo, ao longo da história, torna-se chave de nossa individualidade e o seio de nossa identidade. Refletindo sobre o momento atual, creio ser importante perceber este mecanismo que nos faz ter ilusão da existência de dois lados: o que reprime e o que liberta e, assumindo a posição de liberadores, teríamos de continuar lutando, no limiar do século XXI, para levantar o véu que ainda encobre a sexualidade humana. Papel de inovadores, de libertadores? Talvez mais simples e menos, dentro do dispositivo da sexualidade, desempenharíamos o papel de gerenciadores da sexualidade, por vezes diminuindo os rigores, por vezes administrando os excessos.

É importante perceber este papel dentro do mecanismo de poder, quando, em nome de uma liberação, nada mais fazemos do que muitas vezes colocar o sexo como mais uma mercadoria de consumo. Numa época em que o indivíduo perdeu, e muito, o significado de um sentido maior de vida, o sexo pode entrar como uma mercadoria que nos traria um bem supremo, a porta da libertação e da felicidade.

Talvez, hoje, aqueles que se colocam ou são colocados, como formadores de opinião, formuladores de padrões de saúde e de normalidade tenham que administrar agora os excessos de liberação diante do perigo de *AIDS*. Aqueles, que há pouco falavam de liberdade, da naturalidade do uso da “camisinha” e a graça do sexo seguro vivenciar do sexo seguro.

Escuta-se muitas vezes “vozes libertadoras” criticando a sociedade por esta negar a sexualidade do adolescente. Mas há muito, talvez três séculos, a sociedade não faz outra coisa do que ressaltar a sexualidade adolescente; logicamente de formas diferentes, estratégias diversas, dependendo da emergência e da necessidade do momento histórico.

Hoje temos um aumento angustiante de “meninas-mãe” Realmente com a erotização precoce, através dos meios de comunicação, e os mais diversos gerenciamentos, há uma estimulação de sexualidade, mas sem a devida maturidade afetivo-emocional, o que impossibilita aos adolescentes um cuidado maior de si e uma capacidade de resistência frente aos mecanismos de poder-saber.

A sexualidade faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A liberdade é algo que nós criamos – ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, através deles, se instauram novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa.

Sabe-se que é um aspecto que é preciso afirmar, de início, para um indivíduo ter a possibilidade - e o direito - de escolher a sua sexualidade Os direitos

do indivíduo no que diz respeito à sexualidade são importantes, e mais ainda os lugares onde não são respeitados. É preciso, neste momento, não considerar como resolvidos estes problemas.

Desde o início dos anos sessenta, se produziu um verdadeiro processo de liberação. Este processo foi muito benéfico no que diz respeito às mentalidades, ainda que a situação não esteja definitivamente estabilizada. Nós devemos ainda dar um passo adiante. Acredita-se que um dos fatores de estabilização será a criação de novas formas de vida, de relações, de amizades nas sociedades, a arte, a cultura de novas formas que se instaurassem por meio de nossas escolhas sexuais éticas e políticas. Devemos não somente nos defender, mas também nos afirmar, e nos firmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa.

A assimilação do prazer ao sexo, é então ultrapassada, é exatamente isso, a possibilidade de utilizar nossos corpos como uma fonte possível de uma multiplicidade de prazeres é muito importante. Se consideramos, por exemplo a construção tradicional do prazer, constata-se que os prazeres físicos, ou os prazeres da carne, são sempre a bebida, a comida e o sexo. É aí que se limita, nossa compreensão dos corpos, dos prazeres.

Se devemos nos posicionar em relação à questão da identidade, temos que partir do fato de que somos seres únicos. Mas as relações que devemos estabelecer conosco mesmos não são relações de identidades elas devem ser antes relações de diferenciação, de criação, de inovação.

Na ótica de Foucault, "o carácter essencialmente local da crítica indica na realidade algo que seria uma espécie de produção teórica autônoma, não centralizada, isto é, que não tem necessidade, para estabelecer sua validade, de concordância de um sistema comum. "

Foucault convida a penetrar a rede constitutiva das relações sociais que individualizam em níveis e patamares a fim de detectar como funcionam as coisas do nível do processo de sujeição ou dos processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos, dirigem os gestos, regem os comportamentos, etc.

Numa analogia com o sujeito do feminismo, o corpo investido pelo social enquanto feminino, em práticas concretas de violência e dominação cria na experiência das mulheres definidas em sexo e corpo, este princípio de agrupamento do discurso, não assujeitado à identidade construída, mas crítico da “verdade” que o produz, criando novas instâncias discursivas de resistência.

“A noção de sexo” permitiu reagrupar segundo uma unidade artificial elementos anatómicos, funções biológicas, condutas, sensações, prazeres e permitiu funcionar: esta unidade fictícia como princípio causal, sentido onipresente, segredo a ser descoberto em toda parte: o sexo assim pode funcionar como significante único e como significado universal.” O sexo afinal, sentido, essência e identidade do humano em práticas normativas de sexualidade heterossexual. A sexualidade é concebida e reduzida apenas ao sexo.”

É pelo sexo, com efeito, ponto imaginário fixado pelo dispositivo da sexualidade, que cada um deve passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade à totalidade de seu corpo à sua identidade.

## CAPÍTULO II

### COMO A PSICOLOGIA VÊ A SEXUALIDADE

*... Toda relação afetiva é um instrumento de energia sexual.*

*(Sigmund Freud)*

Nosso desconhecimento e, portanto, nossas dúvidas sobre a nossa sexualidade são inúmeras. Apesar de ser nossa, ela nos aparece como algo incógnito, cheio de preconceitos, de moralismo, de dúvidas de informações incorretas. Este paradoxo do desconhecimento de algo tão nosso tem feito do sexo um tabu.

A inclusão da disciplina Educação Sexual nos currículos escolares tem sido sistematicamente barrada por forças reacionárias, que não a consideram assunto de escola ou acreditam que educação sexual se restrinja às informações da fisiologia e anatomia do corpo e do mecanismo da reprodução.

Mas sexo é mais do que isto. Sexo é prazer, é desejo. E é também proibição, perigo, erro e culpa. A questão sexual da juventude parece estar sempre no limite entre o desejo e a repressão. Você já parou para pensar e discutir seriamente com seus pais, ou amigos, ou professores, o que sabe e o que não sabe sobre o sexo?

Uma pesquisa feita por Carmen Barroso e Cristina Bruschini, com jovens paulistas, em 1979, mostrava que um dos saldos positivos das sessões onde se debatia o sexo era a

*“conquista da palavra, a viabilização de um discurso até então interdito. Se alguma forma de comunicação - por pouco articulada, distorcida ou mal informada que fosse - ainda existia entre os*

*amigos íntimos do mesmo sexo, ela era praticamente inexistente entre jovens de sexo diferente, que podiam até ser namorados com alguma intimidade sexual, mas que permaneciam incapazes de um intercâmbio honesto, com exposição das diferenças existenciais, os receios, as dúvidas, a fantasia.*<sup>10</sup>

E, assim, o sexo fica como um discurso nunca dito. Vemos na televisão, no cinema, lemos nos livros, vemos até mesmo na rua e nada dizemos, nada perguntamos. Namoramos e temos vários receios e dúvidas, mas preferimos não dizer.

O controle da reprodução, por exemplo, é de interesse de qualquer jovem que mantenha relacionamento heterossexual. Decidir o grau de intimidade que se permitirá durante o namoro é um momento difícil para o jovem, pois entram aí inúmeros fatores: desejo, fantasia, medo, falta de informação, pressão social do grupo de amigos, pressão da família etc.

Na pesquisa de Barroso e Bruschini, no capítulo sobre a reprodução, temos ainda aspectos muito interessantes de serem retomados aqui. As pesquisadoras encontraram entre os jovens de classe média e alta uma combinação de liberalismo e autoritarismo.

*Liberalismo, quando se referem aos direitos de todos os indivíduos, isto é, os de sua própria classe, de controlar a sua reprodução., e de autoritarismo, quando se trata de impor aos pobres o dever de evitar filhos. Repetidamente, a educação das massas, a 'conscientização do povo', aparece como instrumento privilegiado para tornar indolor essa coação. Trata-se de convencê-los a ter apenas o número de filhos que lhes permite a sua condição (...) A questão que permanece é: quando também defendem a necessidade de educação do povo para decidir conscientemente sobre o número de filhos, esses jovens estão incorporando acriticamente um elemento da ideologia reacionária ou, pelo contrário, estão reconhecendo que a limitação da natalidade pode, dialeticamente, contribuir para criar condições concretas que permitam mudanças radicais na*

<sup>10</sup> Carmem Barroso e Cristina Bruschini. **Educação Sexual: debate aberto.** p. 52.

*estrutura de poder e de distribuição de recursos que hoje prevalece?"<sup>11</sup>*

Além do controle da reprodução, muitas outras questões atormentam os jovens: o homossexualismo - doença, vício ou comportamento alternativo? O orgasmo - um privilégio masculino? O aborto - um crime ou uma opção? Os métodos contraceptivos, a masturbação, enfim, tudo o que diz respeito à nossa sexualidade é algo (des)conhecido e produtor de ansiedade para a maioria dos jovens.

O crescimento intelectual decorrente da informação, que demonstre ao jovem a variabilidade de comportamentos e valores, que esclareça sobre a sexualidade, é essencial para a auto-aceitação sem temores e angústias.

A Psicologia já sabe há um bom tempo que a questão sexual pelos aspectos morais a ela vinculados, é fonte de angústia para o jovem que se inicia nesses segredos. Mas não é somente o jovem que sofre angústia com a sexualidade; o adulto e o velho também. Procurando o caminho para aplacar essa angústia, nossa ciência tem tentado superar o moralismo que envolve o tema (nem sempre com sucesso) e procurado descobrir as fontes e os caminhos da sexualidade.

Muitas áreas, além da Psicologia, tratam da sexualidade humana: a Biologia e a Medicina dão conta dos seus aspectos anatômicos e fisiológicos; a Antropologia estuda sua evolução cultural; a Sociologia e a História mostram-nos a gênese da repressão do comportamento sexual. Hoje também encontramos uma área específica de estudos da sexualidade, que procura englobar diferentes áreas do conhecimento, conhecida como a Sexologia.

Como a questão sexual envolve muitas disciplinas, a Psicologia poderá responder só em parte às questões colocadas anteriormente. De acordo com a competência da Psicologia, poderemos dizer o que é o prazer, que sentimentos vêm junto com a sexualidade e mesmo, qual a diferença entre sexo e sexualidade.

---

<sup>11</sup> Id. Ibid. p. 64.

A criança, assim que nasce, está preparada para lutar pela sua sobrevivência. Ela irá sugar o leite materno, auxiliado por um reflexo conhecido como reflexo de sucção. Este reflexo é acompanhado do prazer do contato da mucosa bucal com o seio materno. Parece óbvio pensar que tal função (alimentação), tão fundamental para o recém-nascido, não pode ser desagradável, ainda mais sabendo que o reflexo de sucção logo desaparecerá. Em pouco tempo, a criança aprenderá que o contato do seu próprio dedo com a boca também causa prazer. Neste caso, o prazer não está mais vinculado a finalidade de sobrevivência, mas é apenas o prazer pelo prazer, Freud chama este tipo de prazer de erotismo e considera seu aparecimento como a primeira manifestação da sexualidade.

Ora, essa tão singela e inocente descoberta será fundamental para que a criança percorra o caminho que a levará à busca do prazer sexual que também está desvinculado de suas finalidades, já que a relação sexual se dá pelo prazer que ela oferece ao indivíduo, e não por um reflexo da espécie.

Para Freud, a busca do prazer é a maneira que temos para dar razão ao forte impulso sexual que chamamos de libido. Conhecemos as regras sociais que permitem e normatizam tal vazão. Sabemos que em determinado momento da vida a sentimos presente nesse instante temos consciência da atração sexual por outra pessoa. Entretanto, esse momento não acontece de maneira mágica, mas como todos os outros fenômenos psicológicos, depende de desenvolvimento e maturação.

Chamamos essa maturação de desenvolvimento da libido. Ela tem início desde os primeiros contatos da criança com o mundo e irá completar-se na puberdade. Assim, como ocorre com outros fatores do desenvolvimento infantil (o falar, o andar), a criança irá desenvolvendo paulatinamente a sua sexualidade. Ela precisa aprender a engatinhar ou ficar em pé antes de andar. Antes de aprender a investir libido numa outra pessoa, isto é, ver o outro como objeto erótico, ela precisa aprender o que é o prazer.

A originalidade de Freud se revela na teoria da sexualidade, principalmente na forma inversa com que a entendeu: em lugar de partir das fases

inferiores do processo genético, tomou as formas superiores como ponto de partida. Examinou as fases que antes teriam sido vencidas, mediante o exame dos processos de regressão. Com essa técnica, determinou melhor a própria noção de sexualidade, fixou suas formas infantis e precisou o verdadeiro sentido das perversões, vendo nelas formas de um processo de regressão. Quanto à caracterização da sexualidade, Freud ampliou-lhe o significado em duas direções: mostrou a presença de manifestações sexuais na infância; e mostrou o caráter sexual de certas formas de conduta, aparentemente desvinculadas de significado sexual.

Essa incorporação de manifestações aparentemente não-sexuais à sexualidade foi, também, conseqüência da própria reestruturação do conceito de instinto. Para Freud, o instinto é o conjunto dos atos psíquicos necessários à realização de uma função fisiológica. O instinto visa à conservação do indivíduo ou à conservação da espécie e apresenta quatro características: uma fonte; uma finalidade; um objetivo; um impulso. A fonte é caracterizada como uma condição ou necessidade do corpo e sua finalidade é remover a excitação. O objetivo é aquilo que satisfaz uma necessidade. O impulso é a sua força. O instinto é conservador e regressivo, pois ao ser reduzida a sua tensão, volta o organismo ao estado de tensão anterior. Ao caráter cíclico do instinto Freud denomina repetição compulsiva.

A sexualidade infantil tem, para Freud, duas fases básicas: auto-erótica; heteroerótica. A primeira é constituída da fase oral-sádica e da fase anal-sádica. Nesse período inicial, a libido se volta difusamente para o próprio corpo. A segunda fase, heterossexual, define-se como fálica e se caracteriza por uma fixação libidinal transitória denominada complexo de Édipo, que consiste na fixação da libido no genitor de sexo oposto, num sentido evidentemente incestuoso. A essas duas fases básicas sucede o período de latência, que termina na puberdade, quando a libido toma direção sexual definida e se instala a sexualidade genital.

Por motivos de ordem cultural, recai sobre os instintos sexuais a mais intensa repressão, mas, paradoxalmente, nesses casos os mecanismos repressivos tornam-se mais falhos e permitem o aparecimento de sintomas neuróticos.

A teoria freudiana da sexualidade permitiu à psicanálise a formulação do conceito de transferência, mecanismo por intermédio do qual desejos inconscientes se atualizam no contexto da relação entre analista e analisando. A transferência é um dos principais instrumentos de trabalho da psicoterapia analítica, pois permite a repetição de protótipos infantis, vivida com sentimento de atualidade, facilitando a solução de traumas e conflitos neurotizantes. A possibilidade de evocação desse mecanismo prova que o adulto não superou a dependência infantil. Por meio da sugestão, o terapeuta induz o paciente a superar suas resistências internas e externas e trazer os conflitos à superfície.

Com este percurso, demonstra-se que a sexualidade aparece no ser humano desde muito cedo, e que as suas primeiras manifestações não têm caráter genital, mas trata-se mais de organização do impulso libido, que, mais tarde, será fundamental na busca do prazer sexual. É por isso que costumamos denominar *sexualidade*, esse processo, dar-lhe um conteúdo mais amplo que sexo, no sentido mais estrito do termo.

Atualmente, fala-se muito em liberdade, sugerindo a vivência desta em diversas áreas da vida. Fala-se em liberdade de expressão, em liberdade de escolha, e, o que aqui nos interessa, liberdade sexual. A liberdade sexual associada a outros fatores, como a necessidade dos jovens de quebra de tabus, afirmação, contraposição à família, e, muitas vezes a pressão do grupo de amigos e/ou do namorado, trouxe consigo uma questão importante: a vivência da sexualidade o adolescente.

Contudo, não podemos falar neste tema sem antes comentar alguns pontos básicos. Em primeiro lugar, a adolescência é um processo que ocorre durante o desenvolvimento evolutivo do indivíduo, caracterizado por uma revolução bio-psico-social e marcando a transição do estado infantil para o estado adulto. As características psicológicas deste movimento evolutivo, sua expressividade e manifestações ao nível do comportamento e da adaptação social, são dependentes da cultura e da sociedade onde o processo se desenvolve. Além disso, este processo adolescente é desencadeado, impelido e concomitante às alterações biológicas que intervêm na maturação das manifestações pulsionais e são inerentes

a este período. As velocidades de maturação de cada setor (biológico, psicológico e social), das partes que os compõem são distintas e interatuantes, dando o colorido típico que caracteriza adolescente de nossa sociedade.

Com a chegada da puberdade, todo o organismo é invadido pela força das transformações biológicas e tomado por impulsos sexuais e agressivos, determinando o início da puberdade e do processo da adolescência. De início, sem saber bem o significado de sua sexualidade e de como dispor dela, o adolescente pouco a pouco vai descobrindo os mistérios e os devaneios que essa situação atraente e angustiante lhe desperta. As modificações corporais bem como a masturbação são elementos que exteriorizam as mudanças internas com seus reflexos sobre a vida afetiva e emocional dos jovens.

Então, o adolescente entra nesta etapa da vida tomado por um estado de certa confusão e incoerência, entre o que lhe era conhecido e familiar, por ocasião da influência, e as transformações pelas quais está passando. Apesar de desejar atingir a vida adulta, pois é impelido por seu crescimento e maturação, teme o desconhecido que existe dentro de si. Aos poucos, o adolescente sente o seu corpo amadurecer, e, com isto, o peso da cultura e da sociedade exercerá sobre o ele a repressão da livre expressão e experimento da gentildade adulta. A princípio, não se interessa pela sexualidade genital, até que descobre o outro sexo, e a intensa excitação e prazer que ele lhe desperta.

*Sexualidade segundo o Vocabulário de Psicanálise, "toda a série de excitações e atividades presentes desde a infância e que procuram prazer irredutível na satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental", como ocorre com a fome, a respiração e o amor. É uma ampla função, cuja a finalidade é o prazer, e, num outro plano, a procriação. E, é claro, a sexualidade vai assumir características de acordo com a idade na qual é vivida, sendo influenciada, então pelas características adolescentes. Entretanto, é sabido que muitos jovens iniciam sua vida sexual em idades precoces, e a manutenção de uma vida sem preparo e cuidado pode trazer consequências muito sérias para o adolescente, como a gravidez indesejada, o aborto e as doenças sexualmente transmissíveis. E, além disso, estudos tem demonstrado que muitos adolescentes, apesar de relatar*

conhecimento sobre métodos anticoncepcionais, não os utilizam. Diante disto, torna-se importante que se criem estratégias de prevenção, que visem diminuir a incidência de tais problemas. E, aí questiona-se: orientar ou educar os adolescentes? E de quem é este papel?

Estas questões poderiam ser base para vários artigos e muita argumentação. Contudo cabe aqui apenas colocá-las e abrir um espaço para que se reflita, levando em conta que, os problemas e dificuldades existem e não podem ser ignorados, mas sim falados e debatidos e estudados para que possamos, assim, ter uma melhor compreensão sobre o processo adolescente que nos permita ajudar os jovens a vivenciar de forma mais saudável, segura e prazerosa a sua sexualidade.

E por que será que o sexo é algo tão complicado, tão cheio de restrições em nossa sociedade? “Uma das respostas a esta questão foi dada pela Psicanálise, sem entrar em muitos dos detalhes que Freud apresentou, é possível compreender isto da seguinte maneira: a energia sexual, para a Psicanálise, é a energia que utilizamos para tudo - para trabalhar, ligar-nos às outras pessoas, divertir-nos, produzir conhecimentos, enfim, a energia responsável pela criação do que conhecemos como a *civilização humana*. Para que este fenômeno seja possível é preciso transferir a energia sexual para estas produções humanas. Portanto, a civilização, criada pelo homem para garantir sua sobrevivência, impõe a ele restrições na utilização de sua energia sexual deslocando-a para outros fins que não o estritamente sexual.

A civilização consegue essa façanha impondo normas e proibições. O casamento monogâmico, a restrição na escolha dos parceiros, as restrições sexuais impostas às crianças são exemplos dos mecanismos que a civilização criou para obter energia para se manter enquanto civilização. Freud chega mesmo a dizer que o homem, em determinado momento da sua história enquanto espécie, trocou o prazer pela segurança. A possibilidade de uma sexualidade que corresponda aos desejos (mesmo considerando que, para haver civilização, deva haver um nível de controle e repressão) dependerá de uma luta que o jovem deve enfrentar por uma nova moral sexual, que supere o poder castrador e passe para uma fase do encontro entre o prazer e a responsabilidade. Essas questões podem representar fator de

outros riscos para a juventude no campo da sexualidade, particularmente a contradição entre a disseminação do discurso sobre a sexualidade e a possibilidade de crescimento da visão moralista sobre o tema. A falta do diálogo franco e aberto entre jovens, pais e educadores, coloca o jovem distante das informações básicas sobre sua própria sexualidade.

## CAPÍTULO III

### COMO A IGREJA VÊ A SEXUALIDADE

*“A Sexualidade afeta todos os aspectos da pessoa humana, na sua unidade de corpo e alma.”*

*(Philip Keane)*

“O homem e a mulher vivem toda e qualquer realidade a partir da condição que lhes é particular”<sup>12</sup>. Neste sentido a sexualidade torna-se uma referência complementar, o homem e a mulher se completam mutuamente fazendo referência intrínseca e permanente que revela o ser humano como um ser relacional. Ao confrontar com a diversidade do outro, o homem e a mulher acolhem a possibilidade de uma relação dialogal onde cada um pode vencer ou compreender as diferenças existentes, estabelecendo uma relação comunicativa e profunda a cada um.

Na relação comunicativa a sexualidade não se reduz somente a algo que mantém a relação a dois, elas assumem função de linguagem que aproxima une e compreende o outro. “A sexualidade permite ao ser humano tornar-se um ser para que possa entrar em relação com os seus semelhantes. Ela exprime e realiza a necessidade do ser humano sair de si mesmo e projetar-se em direção a outro”. A sexualidade é portanto, o lugar humano onde a pessoa cresce e amadurece e progressivamente busca a plenitude de sua existência. É exatamente no corpo que a pessoa se diferencia de tudo e de todos. É nele que cresce sua própria consciência e seus limites.

A sexualidade e o amor tem valor em si mesmos, o valor que pertence a estrutura ontológica da pessoa e por isso não podem ser instrumentalizados como se fossem apenas uma forma para obtenção da perpetuação da espécie através da genitalidade. O prazer sexual e o erotismo tem valor espiritual e cabe a elaboração

---

<sup>12</sup> ZACHARIAS, *Fragmento da Cultura*, p. 618.

ética a responsabilidade de reconhecer e assumir esse valor. A igreja concebe a sexualidade como um dom que implica ser acolhida com gratidão e responsabilidade. As idéias do catolicismo sobre a sexualidade foram sendo elaboradas em processos de inter-relação da instituição religiosa como outras diferentes tradições culturais e filosóficas. O discurso católico sobre a sexualidade é restringido a possibilidade do exercício da sexualidade somente ao interior do matrimônio monogâmico e heterossexual. O sexo constitui uma caixa de ressonância de rara sensibilidade para recolher os sentimentos mais profundos inclusive aqueles que escapam do nosso controle ou são reprimidos para o inconsciente.

O teólogo protestante Eric Fuchs classifica a sexualidade ao lado das forças que mais que habitam dentro do ser humano e secretamente compactua com o pecado a violência e a irracionalidade temidas. Não foi imaginada a possibilidade de se tornar, no amor o sinal da aceitação do outro pela ação ternura. Devido a inúmeros fatores culturais filosóficos e religiosos a história da sexualidade passou por longos processos de esclarecimentos e custou para ser entendida como uma linguagem do amor. A sexualidade não é importante apenas para continuar a espécie humana, ela exerce um papel fundamental na felicidade e no bem estar das pessoas durante suas vidas. Quem nós somos, como fazemos as coisas, o que nos tornamos são influências e frutos de nossa sexualidade.

A sexualidade assume duas facetas um lado angélico, com seu aspecto de prazer de união e continuidade e seu lado diabólico e escuro e destrutivo. Podemos ilustrar isso com a Revolução sexual que nos forneceu uma noção falsa de liberdade. Com todas as outras dimensões humanas a sexualidade precisa ser evangelizada e purificada constantemente. Partindo do princípio de que ela é boa e vem de Deus. Atualmente, teólogos rejeitam pronunciar-se abertamente sobre assuntos sexuais. Sentem que as autoridades eclesiais os observam e os perseguem e essa reação de não falarem nem escreverem novas idéias vem estagnando as descobertas da vida moderna. No passado muito se falou e publicou para alertar sobre os riscos da sexualidade mal vivida e abusada. No momento devemos contar e publicar os louvores e beleza da sexualidade vivida conforme o plano divino, como algo que promove a humanidade e desenvolve as pessoas.

A sexualidade da criatura humana é tratada na bíblia como obra perfeita.” Os textos bíblicos retratam a sexualidade com uma visão factual com intuito preventivo, porém para aqueles que se opõem a essa prevenção haverá punições severas por parte da Pai (Deus). O Livro dos Cânticos dos Cânticos procura resgatar a experiência amorosa e prazerosa da sexualidade que está presente na vida e no corpo de cada um. Nessa visão a sexualidade humana expressa e realiza o ser integral de cada pessoa, fazendo parte das experiências do cotidiano como fonte de prazer, realização emocional e estruturação de identidade, promovendo alegria, felicidade compromisso e bem estar.

Em pesquisa, um artigo que banaliza a Igreja dizendo que: após discutir sobre a origem da religião, suas funções e a construção do seu significado, o autor enfoca a conexão entre religião e ansiedade. A ansiedade permanente na religião é determinada pelos sentimentos de culpa que aparecem, por exemplo, da violação de normas na área da sexualidade. Numa religião que está em oposição à sexualidade, como o cristianismo, a satisfação de desejos sexuais é considerada ruim e pecadora; a presença permanente da ansiedade e de um pensamento culposos são o resultado disto. A supressão sexual do cristianismo leva à propagação do ascetismo como submissão. Da corrupção da sensualidade que apenas religiosos virtuosos conseguem manter. Um resultado do ascetismo é o celibato embora passagens da Bíblia orientem relacionamentos monogâmicos sem proibição. No catolicismo, o celibato institucionaliza a oposição à sexualidade e causa uma depreciação da real sexualidade em favor da igreja mãe e da Virgem Maria. Uma posterior consequência é a redução da sexualidade a reprodução.

Apesar de constantemente ouvindo falar sobre a repressão e oposição da igreja em relação a sexualidade existe uma formação institucionalizada para todos os membros religiosos que tem como prioridade a formação dos mesmos dando-lhes subsídios para canalizar as emoções pois o domínio humano sobre seus atos em emocionais pode ser direto ou indireto. As vivências emocionais escapam ao domínio direto do homem. Apenas nos resta apelar para o domínio indireto. As reações afetivo-emocionais primárias não podem ser dominadas diretamente Elas são lei de si mesma. Não tem lei imposta diretamente, portanto, são atividades sem lei direta. E, se não há lei sobre elas, não as podemos tachar de ruins, más ou pecaminosas.

Só há pecado onde há lei. Deus nunca impediu nem proibiu o sentir. Só proíbe o consentir. Isso é básico para o tratamento de nossa vida afetivo-emocional. Ela, em si, é boa e significativa para a realização do homem. "Não o que entra pela boca, mas o que sai do coração" (Mc 7,15s.).

O domínio direto das emoções consiste no domínio radical dos processos emocionais. É um domínio despótico, ditatorial, impositivo, que a psicologia dinâmica chama de repressão e cujo resultado imediato é o clássico "recalque", ou, como se diz popularmente, "sufoco". As consequências do domínio despótico são anormalização emocional e a seqüela de sentimentos de fossa, frustração, desespero. O recalque afetivo é consequência normal inevitável do domínio direto sobre os processos emocionais. É indesejável e altamente perturbador. Ele pretende eliminar até o poder de sentir perante as estimulações presentemente atuantes. Isso é psicologicamente, pois o sentir entra no rol da normalidade, e neste momento psicológico não há possibilidade de pecado. Os domínios indireto das emoções também chamado de "político", "diplomático", "democrático" ou "amigável". É um processo que respeita os movimentos emocionais canalizando-os na direção natural de suas funções genuínas, primitivas e indomáveis do seu primeiro existir. Consiste no reconhecimento fundamental da vida e da existência. Respeita-se favorece as leis fundamentais da vida. O domínio direto leva à repressão da vida. O domínio indireto leva à expressão da afetividade. O domínio direto gera o recalque neurotizante. O domínio indireto promove "satisfação euforizante". O domínio direto provoca o "sufoco emocional". O domínio indireto favorece o "desabafo emocional". Um escraviza, o outro liberta.

Essa educação que proporciona a reflexão é análise de tudo que ouvimos sobre a Igreja e sobre como a sexualidade é para a Igreja uma força vital da vida, mas que deve ser repreendida e controlada para não causar escândalos e devaneios no cotidiano do ser humano, criado e regido por Deus. Para a Igreja a sexualidade deve ser compreendida unicamente como força procriadora doada e revigoradora por Deus. A recusa em debater este dispositivo da sexualidade é comum e sempre deve ser confessado e repreendido, e podendo ser concebido como incestuoso se não estiver de acordo com as regras e normas cristã.

A relação entre a sexualidade e o cristianismo teve e têm manifestações muito variadas e complexas. A compreensão e o exercício da sexualidade sendo centro da cultura ocidental não podem ser interpretados sem o dado sócio-religioso do cristianismo; na institucionalização da sexualidade desempenhou um papel decisivo a cosmovisão judaico-cristã, até o ponto de se verificar neste âmbito a lei formulada por A. Gehlen da “formação de sistemas sociais sob a primazia de categorias religiosas”. O matrimônio, como a instituição conformadora do dinamismo da sexualidade humana é uma prova que faz fé neste juízo.

Por outra parte, não é possível se fazer uma hermenêutica<sup>13</sup> completa da vivência e da realização social do cristianismo sem ter em conta o dado da sexualidade. da configuração administrativa da Igreja (sobretudo da Igreja Católica, onde é preceptivo um ministério celibatário) até a verbalização da experiência mística cristã, a sexualidade constitui dentro do cristianismo uma chave privilegiada de interpretação. Este tema mereceria um estudo sério e detalhado, paralelo ao estudo realizado em torno da hermenêutica da pessoa (dos pressupostos preferentemente psicanalíticos) e mais recentemente e, torno da hermenêutica sócio-política partindo da chave sexual.

Limitamo-nos a expor a cara e coroa da relação entre cristianismo e sexualidade: os aspectos negativos e os aspectos positivos. Pomo um prenotamos a dimensão mistério-religiosa que teve e tem a compreensão da sexualidade humana. A compreensão científica da sexualidade nos impede de vê-la e vivê-la numa relação falsamente sacralizada com o religioso: escala de tabu (regulação das proibições sacralmente mencionadas), e na escala de mitos (reconhecendo o divino imanente na própria sexualidade humana), na escala de orgia mistérico-sexual (interpretando o êxtase sexual como uma hierofonia). Contudo, estas explicações erráticas da sexualidade indicam-nos que existe algum fator que as causa, embora deficientemente interpretado. Efetivamente, no gesto integral que a expressa (a sexualidade), o homem – o homem comum – sente-se como projetado para uma culminância suprema de poder: sente que superou na união com o outro e na possessão do mesmo sem limites individuais, percebe-se como engendrador e criador de vida, vê-se envolto num êxtase que o tira, ao menos por uns instantes, de

sua pobreza e dispersão e o levanta para uma existência ampliada que parece alcançara esfera do divino.

Onde encontrar e como expressar adequadamente essa dimensão profunda, mistério-religiosa da sexualidade? Em nosso modo de entender, existem três aspectos fundamentais nos quais se descobre a abertura da sexualidade humana para o Absoluto. Em primeiro lugar, a sexualidade humana tem uma grande capacidade de simbolizar o religioso. Quase todas as religiões utilizaram a relação sexual como imagem para expressar o encontro e a relação do homem com Deus. Dentro da tradição judaico-cristã é este um dos símbolos permanentes; na pregação profética, na descrição das experiências místicas etc.

Embora diante dessa capacidade simbolizadora da sexualidade nossa cultura se mostra reservada e reticente, não podemos deixar de reconhecer sua importância como fator que faz descobrir e viver a dimensão mistério-religiosa da sexualidade. Grelot adverte que, se num primeiro momento o amor humano serve de comparação para expressar as relações de Deus como o povo da aliança, esta evocação de encontro religioso “joga uma luz retrospectiva sobre a realidade humana que lhe serve de ponto de partida” .

Através de sua dimensão simbolizadora do religioso, a sexualidade nos oferece uma escala hermenêutica de sua profundidade. Este dado documenta, a seu modo, quantas possibilidades, quantas nostalgias e quantos anelos por uma possessão totalmente beatificante encontram-se inscritos nos dinamismos profundos e manifestos da sexualidade .

Quando se fala da relação entre o cristianismo histórico e sexualidade se alude a um tema sumamente complexo. É difícil englobar em uma afirmação unitária posições tão diversas como se deram em diferentes épocas da Igreja e, ainda dentro de cada época, no diferentes estágios que integram o chamado cristianismo histórico. Esta complexidade do tema, impede-nos de dar soluções simplistas à relação entre sexualidade e cristianismo.

---

<sup>13</sup> HERMENÊUTICA – método que visa a interpretação de textos filosóficos, religiosos.

Por outra parte, quando no contexto deste tema se fala do Cristianismo, têm que se entender por “cristianismo” não os preferentes a posição da Igreja, mas também as atitudes históricas da cultura ocidental cristã. Nesse sentido é difícil separar o que pertence ao Cristianismo e o que é próprio da cultura ocidental.

Admitida essa complexidade do tema, cremos que se possa manter a afirmação de que o Cristianismo soube seguir um caminho intermediário entre os extremismos da “exaltação indevida” do sexo e do “desprezo diante do corporal-sexual”. O Cristianismo histórico soube acolher e salvaguardar o substancial da mensagem bíblica do amor e da sexualidade; mais ainda, pôs em maior evidência alguns valores relacionados com a sexualidade, tais como a virgindade e a castidade conjugal. Ao mesmo tempo, deduziu dos princípios fundamentais da revelação critérios mais concretos de comportamentos e os apoiou à situações novas. Contudo, com a mesma clareza e com idêntica coragem temos de reconhecer um grande número de elementos negativos no cristianismo histórico em relação com a sexualidade.

O lugar e o papel da mulher dentro da Igreja pode ser aduzido como um campo no qual se cita, além de outros fatores, preconceituosos de ordem sexual. O mesmo poderíamos dizer de algumas motivações históricas do celibato, de certas estruturas da vida religiosa e, em geral, de alguns aspectos das estruturas eclesiásticas.

Estes e outros exemplos que poderiam ser aduzidos manifestam o carácter conflitivo que teve e continua tendo a sexualidade dentro do Cristianismo e mais concretamente na vida oficial de Igreja. Freqüentemente insiste-se na conflitividade da sexualidade dentro da vivência pessoal dos indivíduos. Poderíamos nos perguntar se a origem de tais conflitos não se encontra, em parte, na falta de uma adequada integração da sexualidade dentro dos esquemas e conceitos de índole social e religiosa.

Um aspecto muito importante onde aparece o influxo extracristão é na avaliação do prazer que vai inerente ao comportamento sexual. Ao longo da história da moral cristã perdurou este mal-estar de não saber encaixar perfeitamente o

prazer dentro da concepção integral da sexualidade. partindo da concepção agostiniana do prazer sexual como um mal unicamente justificado com a intenção da procriação, a solução do problema recebeu uma importante negativa que ainda não se perdeu. É certo que não faltaram teólogos que tenham visto o modo de integrar o prazer o conjunto harmônico do comportamento sexual; mas a doutrina comum foi negativa a esse respeito. Vemos que unicamente no começo do século XX entraram em acordo com moralistas sobre a não iliceidade da busca do prazer moderado entre os esposos fora do ato conjugal. Pensar também, na dificuldade que existiu em ver integrados em harmonia o amor espiritual e ato carnal: conseqüência evidente de dualismo e das tendências neoplatônicas.

O outro fator que teve grande importância na compreensão cristã da sexualidade foi o fator pessoal. Alguns autores introduziram no pensamento cristão perspectivas acentuadas por suas experiências e por sua psicologia pessoal em matéria sexual. Podemos pensar em São Jerônimo e em Santo Agostinho. Este último exerceu influência muito grande na doutrina sexual posterior. E temos de subscrever o juízo daqueles que estudaram o pensamento agostiniano sobre a moral do matrimônio e que qualificam as idéias de Santo Agostinho de severas, rígidas, rigoristas e com mescla de elementos contingentes.

## CONCLUSÃO

Em uma sociedade capitalista e tecnológica o indivíduo vem incessantemente buscando algo mais prazeroso que defina o seu bem estar o que proporciona uma exposição de suas características sensíveis e sensuais sem a menor censura e pudor. Mesmo em tempos contemporâneos abordar o tema sexualidade é um propósito explosivo e bastante rejeitado, devido aos inúmeros tabus e dogmas que envolvem essa temática. Porém, faz-se necessário uma análise da situação a qual o indivíduo e as relações sociais estabelecem no cotidiano e suas constantes reações ao se deparam com o assunto sexualidade. É bastante comum o repúdio de conservadores da “moral” e da “ética” social ao tema, portanto é bastante utilizado pelos mesmos, só que envolvida em uma grande nuvem de pudor que faz tudo se tornar limpo e agradável.

Enquanto isso o fenômeno sexualidade se prolifera rapidamente e suas formas de uso tornam-se repentinamente abusivas e sem controle no uso do corpo que não é concebido em junção com o espírito que ama e fala. O corpo é tido como origem de todas as insinuações pecados e devaneios que levam o homem a inquietação sendo atingindo sob as formas e nessa inquietação busca ter uma cumplicidade do espírito para que juntos encontrem na sensação do desejo e prazer a satisfação tão almejada.

É comum estar arraigados no estigma que a sexualidade é apenas a diferenciação entre homem e mulher ou aquilo que leva a deturpação do indivíduo através do fenômeno bastante conhecido pela atual sociedade. A sexualidade deve ser concebida como força que rege os segmentos políticos, éticos, morais e econômicos pois todos tem políticas de controle sobre as manifestações que são promovidas de acordo com a sexualidade dos indivíduos. A sexualidade possibilita diferentes discursos como explica Foucault que estuda a sexualidade deste o século XVII, como forma repressiva e sem possibilidade discursiva. Porém após o século XVIII surge uma nova forma de analisar a sexualidade, ela é tida como fonte de poder que uma pessoa exerce sobre a outra, ou que a própria sociedade exerce sobre um indivíduo. A partir do século XIX a sexualidade passa a ser bastante

debatida pelos diferentes segmentos da sociedade e seus discursos já não são reprimidos ou punidos, dando ao indivíduo a possibilidade de conhecer-se através de sua sexualidade fazendo uma análise através do seu comportamento em sociedade. Para Foucault a sexualidade é uma figura histórica muito real e foi ela que suscitou com o elemento especulativo necessário ao seu funcionamento criando a noção de sexo. Após o século XIX abre-se uma porta de controle moderando os discursos da sexualidade de acordo com os interesses políticos, econômicos e sociais sobre o corpo e o sexo, investindo em novas formas discursivas para sujeitá-lo a realidade em que está inserido. Analisa-se o discurso sobre a sexualidade percebe-se que tanto no ramo sexual como religioso ela é bastante banalizada e usurpada para diferentes fins. A sociedade usufrui dela para controlar e atender suas necessidades de consumo, dentro dos padrões morais e éticos que a regem.

A sexualidade para o Cristianismo é uma força do ser humano que deve ser controlada e repreendida para não causar escândalos expondo a sociedade no ridículo e promiscuo pecado carnal. Pois desde remotos tempos o Cristianismo vem controlando a sexualidade para que as chamadas sexualidades periféricas (ou seja todo ato sexual ou sexualidade que não é voltado para a procriação), deve ser reprimido e se possível banido da sociedade.

Pode-se perceber que a Psicologia vê a sexualidade como parte primordial do ser humano e suas manifestações surgem desde o nascimento e vai até a sua morte. Para ela é através da sexualidade que o indivíduo se firma numa sociedade podendo assim ser compreendida como base para a boa ou má formação do homem que é capaz de controlar e manifestar seus desejos instintivos sem desestruturar a sociedade caso tenha sido bem trabalhada. Porém se a sexualidade do indivíduo foi reprimida ou mal conduzida esse mesmo indivíduo é capaz de tornar-se um grande perigo para toda a sociedade que o cerca, agindo instintivamente. Desta forma a sexualidade é concebida dispositivo sexual que regulamenta e molda a forma dos indivíduos agirem perante o outro e perante si mesmo. Cabe a ela a influência em todos os setores políticos, religiosos, morais, éticos, sociais e econômicos, como diferenciação e afirmação da existência humana.

## BIBLIOGRAFIA

Neill A.S. **Liberdade sem Excesso**. 2ª ed. São Paulo: IBRASA, 1967.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia**. 13ª ed. reformulada e ampliada. São Paulo: Saraiva; 1999.

BOURGUIGNON, André. **História Natural do Homem: O Homem Imprevisto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda. p. 187 a 204.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. IIª. Rio de Janeiro: Graal. 1993.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

**Fragmentos de Cultura**.: Goiânia: UCG; 2001. v. 1. Jul./ago. p. 489-731.

**Fragmentos de Cultura**.: Goiânia: UCG; 1998. v. 8. Mai./jun.. p. 535-853.

RAYCHAMAN, John Foucault. **A Liberdade da Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda, 1987.

REALE, Giovanni e ANTINERE Dário. **História da Filosofia: do Romantismo até Nossos Dias**. São Paulo: Paulus, 1991.

VAZ, Henrique C. L. **Antropologia Filosófica I e II**, São Paulo.

VIDAL, Marciano. **Moral e Atitudes: Ética da Pessoa**. 4ª ed. Aparecida – SP: Santuário; 1978.